

A fabricação de ideias sobre o mundo lusófono na literatura galega na década de 70: construção em perspectiva

ELIAS J. TORRES FEIJÓ

Universidade de Santiago de Compostela



Como sabemos, o mundo da imagologia é bem mais complexo do que à primeira vista pode pensar-se. Nutre-se dumha complexa rede de relacionamentos e presenças, funcionando de diversos modos segundo o estado do campo literário ou cultural de referência, as posições e funções dos textos, autores e repertórios em foco, passando pelas construções recíprocas historicamente constituídas em cada um dos sistemas considerados. Ela nom se esgota na detecção de imagens, mas no que elas constituem como mecanismos de entendimento e acção a respeito desse outro e do próprio. E, quando nos encontramos com grupos que estão em fase de construção dos seus sistemas culturais, a imagem do outro, sobretudo do próximo, como o caso que aqui nos ocupa, constitui um elemento determinante na própria configuração desses sistemas, de como eles se autoidentificam, de em que medida configuram, com os outros, eventuais intersistemas ligados por razões de língua, raça, situação geográfica, dependência política, etc. Pense-se, no caso da lusofonia, nos sistemas culturais africanos, e, agora, no caso da Galiza.

Os grupos actuaes na construção dum sistema costumam procurar noutros elementos que legitimem ou reforcem as suas posições e as funções que querem pôr em prática. O olhar sobre o Outro toma relevo nos casos em que a acessibilidade e/ou o contacto entre sistemas e os seus respectivos espaços sociais é maior, mais alargado ou mais intenso. Constroem-se assim referentes de analogia, de emulação, de oposição, este último, para o galeguismo, o espanhol – e de reintegração, papel que esse mesmo galeguismo atribuiu historicamente a Portugal e, por extensom, ao mundo lusófono. Este papel sustenta-se na imagem do outro lusófono, como comum, em que se apreciam (em diferentes graus) identidades ou pareências, a língua jogando um rol central.

Assim foi desde o surto do galeguismo contemporâneo, na segunda metade do século XIX, com as figuras centrais de Rosalia de Castro, Manuel Murguía, Eduardo Pondal e Curros Enríquez (e que escrevem o *galego*,

mais ou menos trajado com a mesma ortografia que a castelhana, a única língua em que estavam alfabetizados), passando pola construção nacionalista das décadas de vinte e trinta do passado século, em que salientam os nomes de Vilar Ponte, Vicente Risco, Otero Pedrayo e, especialmente, Daniel Castelao: o mundo lusófono constituiu sistematicamente um referente fundamental nessa construção. Nela, a unidade lingüística era invocada como elo central do vínculo que se pretendia, no processo de recuperação e normalização da língua da Galiza, profundamente castelhanizada e ágrafa durante séculos no território galego. E, isto, no meio dumha extraordinária incapacidade de comunicação, mesmo com Portugal, país fronteiro com o galego, dada a precária situação das infraestruturas e a secular atitude de costas viradas (com os seus tópicos e estereótipos a funcionar) entre ambas as comunidades.

É oportuno também fazer algumas precisões prévias: a actual Galiza administrativa (a que em 1833 foram amputados territórios ao leste ainda hoje de fala galega), é, na década de 70, um espaço social de três milhões de habitantes, estando todos os alfabetizados, em espanhol (a língua da Galiza só entrará na escola nos começos de oitenta), diglósico, com umha forte emigração à Europa e a América, aqui também com núcleos exilados da guerra civil espanhola de 1936-39. Na altura, publicam-se em *galego*,¹ em qualquer das suas variantes, dominando a próxima da ortografia castelhana, nunca mais de cem livros por ano entre 69 e 75, aumentando depois da morte de Franco e a recuperação das liberdades, mas sem ultrapassar nunca os 200. Nesta década, no período que vai desde os últimos anos da ditadura franquista até aos primeiros anos da transição democrática, produz-se no

¹ Na altura, como hoje, esta (ao lado de idioma/língua galego/a) é a denominação mais habitual da língua histórica da Galiza; outras som galego-português e português da Galiza, habitualmente usadas polos sectores reintegracionistas, ao lado da anterior, em muitos casos. Utilizamo-la em itálico precisamente para indicar que na sua caracterização está, por vezes, um dos debates mais importantes na construção do campo cultural galeguista.

Estado Espanhol um forte acúmulo de energia ao redor dos grupos opositores que preparam as suas posições e programas de ação perante a eventualidade da queda do regime. No caso do proto-sistema literário galego,² construído e dominado por sectores oposicionistas ao regime (social-democratas, da esquerda e da extrema esquerda, galeguistas ou nacionalistas galegos), ele vai constituir-se como rede privilegiada para a representação e fabricação de ideias, o que, aliás, costuma acontecer com as expressões artísticas e culturais em geral em épocas totalitárias, em que os campos artísticos e os seus produtos fazem o simulacro do que não pode dizer-se no campo político. Esse processo significa, também, no caso galego, um momento de construção do sistema cultural de primeira magnitude, uma vez que ele ficara absolutamente precarizado após a Guerra Civil (1936-1939), e que só lentamente, em particular com a ação do Grupo Galaxia (formado por sectores nacionalistas moderados do pré-guerra de ação culturalista, assim conhecidos pelo nome da editora que impulsaram em 1950), vai recuperando-se.

Boa parte das ideias circulantes nos primeiros setenta têm a ver com o processo gerado pelo galeguismo desde as suas origens no século XIX e nas décadas de vinte e trinta, até à guerra civil. Naquela fase, ele está especialmente esforçado na legitimação do próprio sistema cultural em detrimento da cultura espanhola, desprestigiado por pertencer a uma cultura sentida como rural e arcaica por boa parte dos grupos dominantes, e onde o idioma próprio é considerado veículo precário de cultura e negativo para o sucesso social e económico, próprio das classes populares e inapto para o progresso e a considerada alta cultura. Neste sentido, o galeguismo, nutrido por sectores minoritários da pequena e média burguesia, onde salientam grupos intelectuais, procura, com uma forte tendência essencialista, alicerçar uma ideia de cultura diferenciada da espanhola, dotando-a do maior número de possibilidades expressivas e constituindo-a como veículo das mais variadas formas do saber e da arte. Essencialista, porque, para demonstrar o direito a ser e existir, se recorre a elementos diferenciais vistos como imutáveis: a terra, os costumes, a língua. Neste quadro, Portugal e o mundo lusófono são invocados como a esfera própria e natural da cultura galega, que historicamente se vira afastada desse seu espaço.³

O dominante grupo Galaxia nesta etapa, herdeiro dessa linha, será o principal responsável pela difusão deste tipo de imagens e ideias. Obviando agora a complexa questão lingüística e codicológica, será portanto à volta do passado comum, da antiga unidade galego-portuguesa, da pretendida unidade espiritual entre os dois povos, que se nucleiem as ideias nesta altura, em que a memória do relacionamento, particularmente no medieval, incorpora

assim mesmo o relacionamento contemporâneo, especialmente o mantido no nacionalismo do pré-guerra e a introdução de modelos lusos de finais do século XIX.

A época medieval funciona como momento fundacional da identidade comum. É significativa já, na etapa concreta que nos ocupa, a reedição por parte da editorial Galaxia do livro *Cantigas d'escarinho e de mal dizer* (1970) de Rodrigues Lapa, publicado inicialmente em 1965, o que motivará a publicação de outras antologias de textos medievais, e servirá para alimentar, em ocasiões, a ideia de um prolongamento identitário galego no desenvolvimento português desde finais do medieval. Em nome poucas obras de reflexo sobre a situação cultural da Galiza, a referência fundacional aparecerá com força, por vezes até postulando uma apropriação de Camões, como descendente de galegos e escritor na variante galega da língua comum, ideia que se reforça poderosamente com a reedição de obras de Eduardo Pondal em setenta e setenta e um,⁴ referente como cantor do passado mítico galego-português, pré-romano, da unidade ibérica, construtor decisivo do mito céltico galego (como reflecte sobretudo *Queixumes dos Pinos* e o mesmo texto do Hino Galego, por ele composto) e incorporador de muitos elementos camonianos à sua obra.

Em ocasiões, o Medieval, pela via essencialista, reúne-se com a saudade como peculiaridade galego-portuguesa, que terá, como veremos, um valor referencial de primeira ordem. Nessa linha operam importantes eruditos prestigiosos, já desde o pré-guerra, como Otero Pedrayo ou Filgueira Valverde.

Neste sentido da afirmação da unidade entre os povos, assoma também a partilha de tradições populares, desde lendas e livros de encontrar tesouros (o que se relaciona com as lendas de mouros) até à partilha de crenças e modos de celebrá-las em festas e romarias. Precisamente, estas ideias fazem-se contrastar, às vezes pelos mesmos autores, como Otero, com a crítica às lutas que galegos e portugueses mantiveram no passado, ou com o mau trato a emigrantes galegos em Portugal, quebrando a unidade espiritual que se invoca.

² Para a definição de 'proto-sistema', como também para o quadro metodológico aqui utilizado pode ver-se: Elias J. Torres Feijó: "Contributos sobre o objecto de estudo e metodologia sistémica. Sistemas literários e literaturas nacionais" in *Bases metodológicas para unha historia comparada das literaturas da Península Ibérica*. Ed. de Anxo Tarrío Varela e Anxo Abuín González, Universidade de Santiago de Compostela Santiago de Compostela, 2004, p. 419-440.

³ Para a pessoa leitora ter uma ideia relativa das publicações na Galiza informa-se que a publicação em galego, segundo as bases de dados que elaboramos no Grupo GALABRA, supunha, mais ou menos, 1% do total do Estado Espanhol. Segundo essas bases, em 1974 publicaram-se 176 títulos em espanhol e 95 em galego; em 1975, 129 e 153; em 76, 173 e 155; em 77, 143 e 170 e em 78, 132 e 192. Nos anos finais da década, a mudança paulatina da situação política significou surtos importantes: em 79 eram 246 os livros editados em galego e 271 em 80.

⁴ Re/editam-se *Queixumes dos pinos* [1886] e *Outros poemas* (Obra lírica completa) (1970) e *Novos poemas* (1971), na Editorial Galaxia.

A memória das relações passadas conforma também uma imagem de intelectuais portugueses como fornecedores de recursos repertoriais. Salienta, particularmente, a Geração de 70, que tem um extraordinário prestígio já no galeguismo do século XIX e, mais, no posterior: Antero por via da sua reflexom metafísica, Junqueiro, talvez o mais imitado (como mostra um longo trabalho do principal crítico literário de Galaxia, Ricardo Carvalho⁵ Calero) como poeta cívico e do povo (com particular presença no poeta galego Curros Enríquez, que, por sua vez, será apresentado nesta altura como modelo de poeta empenhado), de Eça salientando-se, por exemplo, ser a melhor expressom do que seria o humorismo galego-português.

Ora, em toda esta linha essencialista, o Saudosismo, entendido como um corpus espiritual fundamental galego-português, elaborado por Teixeira de Pascoaes, impulsionado por Vicente Risco na sua *Teoria do Nacionalismo Galego* de 1920, recolhido largamente por Castela no seu fundamental *Sempre en Galiza* (1944) e, sobretudo, reelaborado por Ramón Piñeiro, cabeça do movimento Galaxia, na década de 50, ocupa um lugar central como principal imagem, compartilhada. A reedição de poetas de índole saudosista feita por Galaxia nesta fase, e numerosos textos sobre o assunto de outros destacados membros do grupo, como Carvalho ou Fernández del Riego, alicerçam esta identidade na Saudade, cuja maior expressom na Galiza seria Rosalia de Castro, mui lida e reeditada no momento, embora nela a saudade apareça com vertente diferente e individual. A partir de aí é freqüente a rememoração dos encontros galego-portugueses da década de vinte e trinta e, ao mesmo tempo, o saudosismo é comentado como nutrindo obras de poetas novos, como Novoneira, ou assumido como alicerce da sua poética por outros como Xosé Devesa, de origem uruguaia. O próprio Piñeiro volta sobre o assunto numha compilação dos seus trabalhos em 1974, *Olladas no futuro*,⁶ onde também recolhe uma crítica à proposta realizada um ano antes por Rodrigues Lapa no sentido de que os galegos deviam adoptar a norma lusa para a sobrevivência da língua. Lapa quebrava assim a histórica imagem e afirmação da unidade lingüística apenas actuante no plano retórico, para fazê-la proposta de acção. Piñeiro argüi que o galego nom corre risco de desaparecimento e que ele mostra diferenças e peculiaridades próprias com as outras variantes ou línguas do sistema que nom autorizam esse passo, assimilando esta trajectória à que atribui ao brasileiro, como eventual terceira língua do sistema; diferenças ou peculiaridades que outros agentes no campo atribuem à profunda castelhanização da língua ou ao seu ruralismo e arcaicismo, como o caso dos jovens autores do *Plan pedagoxico galego*⁷ (1971), do denominado Grupo de Londres, ou de outros autores, moços também,

como Xavier Alcalá, que começam a assumir e praticar paulatinamente as teses de Lapa.

Ora, outro conjunto de escritores nom tem a unidade lingüística galego-portuguesa como elemento referencial do seu programa, nom se pronunciando normalmente sobre o assunto, tirante alguma alusom a unidade cultural galego-portuguesa desde as origens. Eles estão particularmente vinculados ou actuam na esfera da oposição ao franquismo, e com maior influência na juventude, sobretudo à comunista e nacionalista Unión do Pobo Galego (UPG), e, menos, ao Partido Socialista Galego (PSG), e ao Partido Comunista de Galicia (PCG),⁸ este nom nacionalista e secção galega do PCE, concebendo a língua como expressom nacional das classes populares, nisto opostos ao que chamam de culturalismo e elitismo de Galaxia).⁹ Eles, na clandestinidade até setenta e sete, nom elaboram ideias sobre o mundo lusófono, excepto a de partilhar com os movimentos oposicionistas em Portugal e nas colónias portuguesas uma mesma luta anti-fascista e de libertação nacional, dado que os nacionalistas concebem Galiza como colónia interior da Espanha. Esta concepção motivará algum dos poucos textos literários alusivos à luta africana, o de Xose Lois Garcia, *Non teño outra cantiga* (1975),¹⁰ autor de origem galega mas desde novo residente em Barcelona, que em anos posteriores prolongará esta atenção, também pola via do estudo da poesia africana de língua portuguesa. De resto, os contactos destes grupos som relativamente intensos com o oposicionismo cultural e político português, chegando, por essa intermediação, a publicar obras em Portugal, como o caso dos dous poetas, da UPG, mais célebres no proto-sistema literário galeguista da altura, Manuel Maria¹¹ e Celso Emilio Ferreiro.¹²

E o Brasil? Embora o Grupo Galaxia mantenha, através da sua revista *Grial*, permanentes contactos com lingüistas e intelectuais brasileiros e entre as suas

⁵ Na altura grafando o seu primeiro apelido como em origem fora registado, *Carballo*, castelhanizado, e que, a partir da década de 80 grafará Carvalho. O texto a que aludimos, é "Algunhas pagadas de Guerra Junqueiro nas literaturas hispánicas" publicado em Madrid em 1967 em *Primeira e Segunda Asambleas Galaico-Lusitanas, Actas y Comunicaciones*, p. 211-221 e republicado como quarto capítulo no livro da sua autoria *Sobre lingua e literatura galega*, Vigo, Galaxia, 1971, p. 101-111.

⁶ Piñeiro, Ramón: *Olladas no futuro*, Vigo, Galaxia, 1974.

⁷ Barro, M^a Teresa et al.: *Plan Pedagógico Galego*, Vigo, Galaxia, 1971.

⁸ UPG e PSG som formações políticas clandestinas constituídas nos inícios de sessenta na Galiza, a primeira de orientação comunista e a segunda de linha social-democrata em origem. A realidade das lutas opositoras no conjunto do Estado espanhol e, talvez em parte, a força que vam alcançando estes grupos, fará com que o PCE transforme em finais de sessenta a sua secção galega em PCG.

⁹ Nisto há diferenças de grau importantes, até porque na génese do PSG estavam elementos fortes de Galaxia, como Francisco Fernández del Riego. A crítica mais forte é a da UPG.

¹⁰ Publicado por Servei Gráfico em Barcelona.

¹¹ *Odas nun tempo de Paz e de Leticia e Noventa e nove poemas (1950-1970)*, os dous no Porto: Razão Actual, 1972.

¹² *Autoescolha poética: (1954-1971)*, Porto: Razão Actual, 1972.

páginas assomem referências a Jorge Amado, Guimarães Rosa ou Guilherme de Almeida, as imagens sobre o Brasil e os brasileiros nos livros desta altura som quase intexistentes. O Brasil aparece muitas vezes na retórica da irmandade galego-luso-brasileira, e pouco mais, com algumas excepções: Umha figura de relevo, que já o fora no galeguismo do pré-guerra, Valentim Paz Andrade, importante advogado e empresário, com vínculos com Galaxia, e que conhecera o Brasil em finais de cinquenta, onde conferenciara convidado pola colónia galega emigrada, singulariza-se. Assim, numha antologia de significativo título para a altura, *Falemos galego* (1973), publica-se um fragmento dum texto que o autor dera à luz num livro colectivo, *O porvir da lingua galega* (1968), onde escreve sobre a importância de Camões, Rosalia, Guimarães Rosa e o Brasil em geral, e sobre a possibilidade dum espaço literário comum.¹³ As imagens do Brasil nos meios culturais galeguistas vam ter muito a ver com as elaboradas especialmente através da obra de Guimarães Rosa. Nos textos de Paz-Andrade, as referências culturais brasileiras serám constantes. Assim, no trabalho inserido no volume extraordinário do boletim da Real Academia Galega que a entidade dedica em 1975 à comemoração do 25º aniversário da morte de Daniel R. Castelao – o mais significado artífice do nacionalismo galego e defensor da unidade cultural galego-luso-brasileira, cuja obra é também intensamente editada na altura – abre com umha citação de *Ave, Palavra*: “Em maio ao som da cadoeira/hei-de ouvir-me, a vida inteira/dar teu nome”. E utiliza entre outras referências a de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire.

No ano 1974, Fernández del Riego, outro autor *galaxio* atento ao mundo brasileiro, num livro sobre a literatura contemporânea de vários países, foca a obra de Rosa, indicando ser ele “un dos poucos escritores iberoamericáns cuio nome e cuia produción son ben conocidos en Europa. Con Jorge Amado compartilla Guimarães Rosa, por outra banda, a predilección do público do seu país”.¹⁴ Sobre a obra de Rosa desenvolve Del Riego a ideia de ela estar conformada por modernidade e, ao mesmo tempo, ligada a umha tradição que a reuniria com a matricial Galiza: “É tan moderna por veces a súa linguaxe que alabaran os seus brillos novos, aroleantes, e tan antiga que en ocasións decíriase estar léndo un galego recuadísimo”, afirmará, com perspectiva idêntica à de Paz-Andrade: a apropriação galeguista e a afirmação de origem que conhecemos em Camões é alargada também a produtores modernos como o autor de *Grande Sertão: Veredas*.

Se algumas das ideias em circulação, como o saudosismo ou outras vinculadas à unidade essencialista galego-portuguesa (-brasileira) colocavam umha sima importante nesta década de setenta entre o momento

e motivo da sua fabricação, muitos anos antes, e o presente da sua difusom, (e, também, supunham umha disfunção grande, ao serem elaboradas para legitimar um sistema cujos grupos actuantes estavam agora mais preocupados pola sua expansom), a morte de Franco em finais de 75 nom fará mais que acelerar essas *décalages*. As expectativas de construir um regime democrático farám com que os galeguistas, de todo o tipo, tentem preparar esse futuro. O saudosismo, como ideia central, que já era contestada explicitamente por alguns poetas, e as outras ideias, em geral, perdem força e essas focagens nom som recolhidas praticamente polos novos, por nom servirem para a açom. Elas nom ofereciam um correlato prático e praticável ou este era sentido como passado, e passadista. Novas imagens se criam da lusofonia, agora, especialmente, como é de esperar, de Portugal, imagem reforçada ainda positivamente com o prestígio que o processo de 25 de Abril tinha aos olhos de toda a oposição galega ao franquismo. Começam a publicar-se desde 76 textos sobre a repressom franquista e o exílio,¹⁵ que de algumha maneira reforçam a ideia da solidariedade galego-portuguesa praticada no anti-franquismo, ao aparecerem por exemplo os populares portugueses como colaboradores de muitos fugidos galegos, combinado isto com a decepção perante o facto de o regime salazarista de Portugal, entendido polo galeguismo como terra irmã da Galiza, colaborar com a repressom franquista, o que já Castelao e outros denunciaram.

As expectativas geradas com o após-franquismo produzem diversos efeitos no campo literário e cultural galeguista. Multiplica-se o número da população universitária (fonte principal do abastecimento produtor do protossistema cultural galeguista, que ultrapassa os 15.000 em 1975, frente aos 3.000 de quinze anos antes) e cresce o número de poetas no campo literário. O surto de vários grupos poéticos na altura indica o interesse de açom colectiva e programática com que é encarada a nova etapa (Rompenente, Cravo Fondo, Alén). Preocupações com o sentido e eventual renovação da produção e da linguagem poéticas centram a atenção dos mesmos. Nesta altura, começa a agudizar-se a questão lingüística. A imagem de galegos e portugueses como utentes de variantes dumha mesma língua, equilibrada com a necessidade de manter um código nom mui afastado dos potenciais leitores apenas alfabetizados em espanhol, abre passo entre alguns sectores do nacionalismo de esquerda, maioritário no campo nacionalista. Os membros do grupo

¹³ A postura contrária aparece no livro no texto do jovem escritor Méndez Ferrín, da UPG, em que salienta o distanciamento entre *galego* e português.

¹⁴ *Letras do noso tempo*, Vigo, Galaxia, 1974, p. 192.

¹⁵ *O Silencio redimido*, de Silvio Santiago, editado por Galaxia em 1976, está entre os mais significativos.

Alén, constituído por três poetas novos e universitários, assumem as teses reintegracionistas. Esta tomada de posição, que pode ter a ver com as tendências à distinção operadas polos novos participantes no campo cultural, conhece a génese na proposta de Rodrigues Lapa na *Colóquio/Letras*¹⁶ em que contestava as teses optimistas de Piñeiro sobre o futuro do *galego* na mesma revista,¹⁷ e o influxo de professores universitários, como o jovem professor de Língua Portuguesa José Luís Rodríguez e o catedrático de Língua e Literatura Galegas, próximo da reforma, Carvalho Calero, que ganhará grande prestígio entre estes círculos, como nacionalista histórico e desvinculado do projecto de Galaxia (que sectores nacionalistas da esquerda consideram entreguista) e agora virado para posições reintegracionistas. O colectivo *Alén* dedica este seu primeiro e único livro, do mesmo título, editado pola Follas Novas em 1977, e prologado por Carvalho Calero, a “X. Luís Rodríguez, a António R. Baptista [na altura leitor de português na universidade de Santiago de Compostela] e a todos os nosos companheiros que están no Alén, ficando Aquén”, indicando, entre outras cousas, na sua Nota final:

2. – *Pensamos que as grafías empregadas hoxe responden a unha concepción castelhana, alonxada do espírito e da tradición filolóxico-literaria medieval do galego-portugués, quer decir, afastada dumha perspectiva auténticamente etimolóxica e histórica.*

3. – *Permitimo-nos estas suxerencias ortográficas, conscientes de que non é a primeira vez que se tenta; coidamos así contribuir, na medida do posível, á procura a restitución daquela comunidade galego-portugués que, vivindo de certo, parece estar esquecida.*

4. – *Por outra banda, tratamos de facilitar aos lectores de expresión portuguesa a comprensión máis doada do galego escrito con vistas a un meirande intercambio cultural entre o aquén e o alén Minho.*

Nós pretendemos só continuar un camiño, en certo xeito xa iniciado, á espera de que o leitor galego saiba comprender algunha dificultade que nun principio lle poida resultar extranha ao seu hábito de lectura.

Coidamos deste modo axudar, modestamente, ao espalhamento da nosa cultura nun ámbito ligüístico [sic] no que a nosa identidade debe estar inserta para a súa total realización [os grifos som do original].

A partir desta altura, o próprio Carvalho Calero começará a utilizar umha escrita mais próxima do português padrom (o que se começará a conhecer com o nome de reintegrada). Assim fai, por exemplo, em 1980, na reedição da sua obra poética em Edicións do Castro, editora de Sada gerida polo intelectual e empresário galeguista Isaac Díaz Pardo, com o título de *Pretérito Imperfeito (1927-1961)*. Abandonada a pressom de abordar assuntos relacionados com a denúncia da

ditadura, Portugal começa a estar mais presente no leque temático dos autores galegos, alguns tendo em Pessoa umha referência de primeira magnitude, continuamente citado e/ou imitado (como no caso de *Os Preludios*,¹⁸ de X.M. Casado, quem afirma ter como “versos de consulta urgente”, entre outros os do poeta luso e também Vinícius de Moraes: “Coma o brasileiro, Xoan-Manuel compuxo letras para cancións”, lembra o seu prologuista galego professor na Universidade de Basrelona Basilio Losada). Isto significava perceber Portugal também como fonte de modernidade e vanguarda e nom apenas vinculada polo essencialismo passadista galego-português, ao lado da modernidade brasileira. Os espaços portugueses, antes aparecendo em publicações galegas com olhar saudoso e nostálgico, viram agora para o presente e para o urbano, principalmente centrado em Lisboa. Livros expressivíssimos disto seram os impactantes em vários sectores, na narrativa, *Orixe certa do farol de Alexandria*, de Guisán Seixas¹⁹ e, na poesia, *Direi-vos eu do Mister das Cobras*²⁰ de Manuel Vilanova Rodríguez, os dous de 1980.

O mesmo fenómeno que provoca essa maior abertura temática abrange o Brasil. O conjunto de imagens tópicas sobre o país americano (mas, atençom, nom tanto na altura), reflecte-se bem já no livro *Brasil, historia, xente e samba canción* (Galaxia, 1977) de X. M. García Rodríguez (que já publicara um ano antes *Poema da morte do guerrilleiro e do vello das grandes guedellas* na Galaxia, prologado pola jornalista e poeta portuguesa Anabel Paul, um dos pseudónimos da mui activa ao tempo Maria das Dores Teixeira dos Santos Pacheco), que se apresenta como “Oficial e Comendador da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul” e que abre com este paratexto: “BRASIL é tan imenso que non cabe nos libros, pro cabe no meu pequeniño curazón”. O autor, diplomata, dedica o livro a vários colegas do Brasil, nucleando-o com poemas históricos de tema brasileiro e sonetos dedicados a personagens históricos deste país, com abundância de léxico e formas brasileiros.

Outra das imagens que representa o Brasil na literatura galega é o do país jovem, esperança do tronco comum. O romance *A Rua do noxo*²¹ (1977) de Eliseo

¹⁶ Lapa, Manuel Rodrigues: “A recuperação Literária do galego”, *Colóquio/Letras*, n. 13, Jul. 1973, p. 5-14.

¹⁷ Som duas as “Cartas desde Santiago de Compostela” de Ramón Piñeiro na revista prévias ao texto de Lapa. Nelas, trata de questões relativas aos processos de expansom e normativizaçom da língua, seguindo os títulos de “Evolución do problema da lingua” (Cartas, n. 2, Jun. 1971, p. 78-80) e “A expansión crecente da lingua galega” (Cartas, n. 8, Jul. 1972, p. 75-77).

¹⁸ Sada, ed. do Castro, 1980.

¹⁹ Madrid, Brais Pinto. Com edição em 1983 na norma reintegrada, em Madrid, Tres-Catorce-Diecisiete.

²⁰ Ourense, La Región.

²¹ Em Vigo, na editorial Galaxia.

Alonso contém a seguinte dedicatória: “Ao Brasil mozo daquel idiomático tronco galego-portugués”, seguido de um parágrafo da carta de Pero Vaz de Caminha. O livro, atencom, é prologado por V. Paz-Andrade citando-se Guimarães Rosa: *Tutameia*, *Terceiras Estórias* e Jorge Amado: *Os pastores da noite*. A respeito da obra deste último escritor, o já citado Celso Emilio Ferreiro, um dos poetas mais populares da Galiza, praticara no seu *Cimiterio privado* (1978) intertextualidades explícitas como no seu “O poeta Intelixental”:

Os seus poemas nin frío nin calor producían.
Sóio escribiu naderías.
Era reaccionario,
Quérese dicir,
Un home que camiñaba
Cara ó futuro,
Recuando,
(que dixo Xurxo²² Amado)”

Também, embora com menos intensidade, o fenómeno migratório ao Brasil aparece, focado ao de leve, em obras de escritores como o mui lido Neira Vilas, autor de romances, e, particularmente, umha trilogia, sobre as duras condições da vida camponesa nutrida de elementos costumistas e realistas. Dessa trilogia publica a editora madrilena (mas con vínculos galegos) Akal em 1976 o terceiro romance, *Aqueles anos do Moncho*. Nele, visto como o país do sol permanente, reune-se na sua obra com a condiçom de gigante do Brasil para prestigiar precisamente perante os seus leitores o uso da língua própria. Eis um trecho da obra:

Aquelo é quente o ano inteiro. Pela o sol que adoeece. A xente bebe moita “Cachaza”. Son ledos e barullentos, pero teñen coma un algo tristeiro no fondo dos ollos. Falan case coma nós, con torgo soave, mansiño. Eu vexo aquí algúns peilaos que teñen a menos falar en galego. Se botasen unh tempada no Brasil non acontecería eso. Na América do castelán ollan o delongamento dalgunhas cidades dalí. E pra non pareceren da aldea, acochan a propia lingoa como quen cobre un lamparón.

De 1978 é o livro, de título bem expressivo, *Galecidade na obra de Guimaraes Rosa*, de Paz Andrade, na Ediciós do Castro, que constituiu o seu discurso de entrada na RAG, numha fórmula bem próxima do padrom luso. A obra conta com umha Introduçom do brasileiro Paulo Ronai (que já prefaciara o *Tutameia*) e um epílogo do galego Álvaro Cunqueiro, académico que dera resposta ao seu discurso, os dous figuras centrais do seu campo cultural respectivo. Nele Paz-Andrade sustenta os vínculos lingüísticos, etnográficos e identitários da obra e

do mundo descritos por Rosa e a Galiza, mesmo afirmando que a estranheza que para muitos leitores brasileiros pudo ter a sua leitura nom seria tal para os galegos. Paz-Andrade, ainda neste período em foco, publica na mesma editora o poemário *Cen chaves de sombra* (1979) em que a referência brasileira é constante.

Autores novos na década mas já com certa trajectória consagrada abrem também as suas obras à temática brasileira. O referido Xavier Alcalá é um dos mais significativos, com um romance que marcou época na década de 80, *A Nosa Cinza*, editada em Santiago de Compostela pola Follas Novas (1980), talvez o mais lido polos galeguistas na altura e também, e sobretudo, por muitos estudantes de licéu, pois foi leitura recomendada ou obrigada durante muito tempo, desde a entrada da literatura galega como matéria no ensino nom universitário em 1982. É continua a alusom ao mundo luso-brasileiro. Algumha prende-se com o descobrimento ao leitor do Outro próximo brasileiro. A táctica é a de a personagem nom conhecer a origem do interlocutor mas perceber o que ele di, para nom condicionar o leitor na ideia que quer transmitir; notarás-se igualmente o elemento que pode resultar exótico para o leitor galego a propósito do menino protagonista do trecho, cheio de virtudes e capacidades, como a calma e o *savoir faire*: advirtamos: pense-se que toda a literatura desta época, dadas as funções por ela ocupadas a respeito da luta política, é lida habitualmente com um alto grau de simbolismo e representatividade (p. 82-83):

[...] vin enfiar cara nós un neno que parecía de película, moreno requeimado, vestido de branco todo, camisa, pantalón e sandalias, todo branco. O Zar cortoulle o paso saltando e gruñindo pero o neno non se inquietou, e acalmábao cunha fala siseante, garimosa.

– Zar, ven Zar, pousa aquí. – Chamei o can e esperei polo cativo.

Tiña unha cara linda, semellaba unha nena co cabelo preto, ensortellado, as feiziões redondas, a boca carnosa e uns ollos verdes, grandes, pestanudos.

Nunha fala que eu xamais escuitara, pero que entendía, preguntoume se alí “morava dona Felisa”. Respondinlle que si, que me seguise, e para a cociña fomos indo eu, o neno pintoresco, o Luis perplexo e o Zar.

– Home, Chico, ¡xa chegou! – A muller bicouno e explicounos que era o seu sobriño, que vivía no Brasil, que non tiña amigos na aldea e viña xogar connosco... – E non pelexedes, ¿eh?

Non pelexaríamos. O Chico da fala e vestimenta tropicais converteuse no noso amigo inseparábel, facéndose querer por todo o mundo na aldea, novos e vellos. Andaba a falar continuamente da sua terra de soño, onde había onças e jacarés de veras, e indios, e selva, serpes que comían un cabalo, ríos como mares...

²² É nome popular de Jorge, utilizado como forma comum no galeguismo.

Ás veces daba en cantar, e bailaba coa música da radio mesmo como os negros das películas.

Ao pouco de vir connosco, cando eu xa me afixera ao seu falar e o Luis empezaba a entendelo, o Chico decidiu a primeira aventura. [...]

E, mais adiante (p. 85):

Con promesa de cartas dixonos adeus o Chico desde a xanela dun carro azul grandísimo, con muitas luces roxas, tan ancho que ocupaba a estrada toda, e que se foi perdendo no gris dun orballo teimoso con que se anunciaba o fin do verán.

Veja-se, na mesma seqüência simbólica, este trecho sobre Portugal (p. 173-174):

Para descargo da miña alma, ao día seguinte apareceron a tia Carmiña e o tío Camilo para o cabodano do abó Francisco, que aínda daquela se celebraba, e mesmo á saída da misa convidáronme a seguir con eles viaxe por Portugal. Aponteime á expedición sen dúbidas, con desexo de ir ao “estranxeiro” (o que me daría un importante ascendente moral sobre Luisito), e saín da aldea [...]

[...] E só vin o Luis aborrecido de chuiva e ávido de saber como era Portugal.

A leitura pragmática destes textos (e, conseqüentemente, a interpretación das imáxens fabricadas como directamente vinculadas á acción, pode ver-se nestes versos que o romance comentado incorpora, boa síntese da situación na altura e, aínda, na actualidade (p. 182):

*Pobre lingua, dos galegos,
Ecce Homo os idiomas;
tes por Xudas o teu pobo
e por Sanedrín as donas,
por Pilatos a cultura
e por Gólgota a escola,
por mortalla o folclore
e por sartego a Historia.
Pobre lingua dos galegos,
¿has de rexurdir embora?'*

Assim aparecia o mundo lusófono na literatura galega, nuns momentos em que se promoviam ideias e modelos que vigoram hoje em relação ao mundo lusófono, alguns constitutivos dos imaginários dominantes na actualidade, condicionantes dos modos de relacionamento do sistema galeguista e que colocam o sistema cultural galego na posição relativamente ambígua que ele ocupa na actualidade a respeito da lusofonia. Esse tipo de incorporações devem ser vistas como programáticas, como

expressões de vontades perante os défices projectivos que se detectam: com efeito, pertencem a uma fase que todos os agentes e intervenientes reconhecem como axial, porque, no trânsito da ditadura para a democracia parlamentar monárquica e o horizonte dumha (mais ou menos) relativa autonomia política para a Galiza, eles todos estão conscientes da determinação do futuro que a acção no período vai ter. Ao mesmo tempo, e nom por isso, abandonam a componente de desideratum, polo facto de estas ideias se veicularem através do modo *simulacral* e polissémico da literatura.

Naturalmente nom pode ser objecto desta comunicação a análise do presente em função deste passado recente. Digamos apenas que, chegada a hora da codificação linguística nos começos de oitenta, esta, ao aposentar-se o Prof. Carvalho e ganhar poder universitário e institucional o chamado Instituto da Língua Galega, fixará-se numa norma diferencial a respeito dos padrões luso e brasileiro, o que contará com importante contestação desde sectores nacionalistas. Esta situação linguística é decisiva para interpretarmos os potenciais fluxos que se abrem entre os diferentes sistemas aqui considerados. As imagens construídas sobre Portugal, positivas, por regra geral, manterão uma importante corrente de simpatia e reconhecimento no outro, mas o sentimento dum país que nom destaca a olhos galegos pela sua pujança económica e social, nem por devotadas atenções do conjunto dos seus círculos intelectuais e políticos (mui condicionados pelas suas expectativas e medos em relação a Espanha e o que esta para eles significa), nom contribui para aumentar a sua presença no imaginário galego como elemento fundamental de referência. Já o mundo brasileiro, como foi percebido de maneira incipiente neste relatório, acrescentará o seu fascínio entre o galeguismo pelas vias abertas, a que novas expressões artísticas do país americano se virão juntar, a cinematográfica (Glauber Rocha) e, sobretudo as musicais da esfera da *bossa nova*. Mas a dificuldade de acesso ao próprio país e aos seus produtos desde esta periferia europeia nom permitirá avanços efectivos. Quanto à África, ela aínda é a grande desconhecida no imaginário elaborado nesta altura.

A questão, que reverte, entre outras, na eventualidade, de vir a constituir a Galiza parte do intersistema cultural lusófono (o que elementos e grupos do sistema galeguista praticam), está aínda em aberto e oferece várias possibilidades de realização e vários canais por onde fluir, entre os quais a hipótese de ser nesse quadro que a cultura galega pode sobreviver e expandir-se.